

**LINGUAGEM POLITICAMENTE CORRETA: UMA ANÁLISE SOB VIÉS
FILOSÓFICO-LINGUÍSTICO**

***POLITICALLY CORRECT LANGUAGE: AN ANALYSIS FROM THE
PHILOSOPHICAL LINGUISTIC POINT OF VIEW***

Sarah Meireles de Jesus¹

Prof. Dr. José Pedro Luchi²

RESUMO: Esta dissertação investiga a relevância, a validade e a obrigatoriedade da linguagem politicamente correta como medida que visa resguardar a integridade das minorias atingidas pelas formas de discriminação presentes na linguagem, utilizando de teorias filosófico-linguísticas acerca dos aspectos próprios da linguagem, abordando a sua essência, seu papel na racionalidade humana, seu processo de determinação semântica contrapondo tudo isso com o embasamento teórico que sustenta a linguagem politicamente correta. Para isso foi feita uma passagem pelas produções de grandes filósofos, dando maior atenção às de Hans-Georg Gadamer, que em sua hermenêutica filosófica traz a linguagem como a própria possibilidade do pensamento, além de expor suas faculdades próprias, e às do segundo Wittgenstein que, com suas *Investigações Filosóficas*, demonstra o caráter contextual dos significados das palavras, referido por ele como significado como uso. Por fim, infere-se que a linguagem politicamente correta não só é incompatível com o funcionamento essencial da dimensão linguística como também interfere negativamente no livre pensar do indivíduo.

Palavras-chave: Politicamente Correto; Linguagem; Filosofia.

ABSTRACT: *This dissertation investigates the relevance, validity, and mandatory nature of politically correct language as a measure aimed at safeguarding the integrity of minorities affected by forms of discrimination present in language. It utilizes philosophical-linguistic theories of discrimination present in language, addressing its essence, its role in human rationality, its process of semantic determination, and how all of this contrasts with the theoretical foundation supporting politically correct language. To achieve this, a journey through the works of prominent philosophers was undertaken, with particular attention given to Hans-Georg Gadamer, in his philosophical hermeneutics, he presents language as the very possibility of thought, exposing its inherent faculties. Also we have the second Wittgenstein's philosophical Investigations, demonstrating the contextual nature of word meanings, referred to as meaning as use. In conclusion, it is inferred that politically correct language is not only*

¹ Unisaes; Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil.

² Graduação: Matemática (U. Estadual de Montes Claros), Filosofia (PUC-MG) e Teologia (PUC-MG) Mestrado: Filosofia na Pontifícia Universidade Gregoriana - Roma Doutorado: Filosofia, na Pontifícia Universidade Gregoriana – Roma.

incompatible with the essential functioning of the linguistic dimension but also negatively interferes with individual free thinking.

Keywords: *Politically Correct; Language; Philosophy.*

INTRODUÇÃO

O discurso politicamente correto, à medida que foi se popularizando, passou a levantar certas reflexões que se desenvolveram e germinaram em outras mais como nunca antes.

A marginalização de certos grupos passou a ser encarada como responsabilidade de todos e a divulgação da realidade destes se fez possível, visando sempre uma sociedade mais inclusiva e igualitária. O problema, porém, está em quais providências são realmente válidas de serem tomadas em prol do movimento e quais apenas desvirtuam o caminho dessa revolução.

Sob essa ótica, o presente artigo visa analisar os limites dessas propostas de inclusão no viés linguístico, como na palavra “denegrir” que etimologicamente significa “tornar negro” e por conta da sua conotação negativa é apontado como sendo um termo racista.

Assim, o foco é, de modo exclusivo, nas implicações dessas propostas na linguagem, a linguagem politicamente correta. Utilizando estudos realizados no âmbito da filosofia da linguagem, mais especificamente os de dois autores em particular.

Primeiramente, Hans-Georg Gadamer com suas obras *Verdade e Método – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (1997) e *Verdade e Método II* (2002). Nelas nos são apresentados conceitos de suma importância na elaboração primária deste raciocínio. Seus estudos giram em torno da hermenêutica, que a partir deles sai da delimitação restrita que a designava como técnica da interpretação, para a forma de compreensão e de concepção de sentido de toda a realidade.

Pelas determinações de suas teorias hermenêuticas definiremos a essência da linguagem e suas manifestações próprias, para que, antes de tudo o mais, possamos assumir seguramente aquilo que compõe o ser da linguagem e como este organismo funciona universalmente, além das variações de idiomas e dialetos.

Tendo dessa maneira preparado o solo onde se firmará o desenvolvimento da argumentação, entra em cena o segundo filósofo, Wittgenstein que por suas *Investigações Filosóficas* (2009) expõe um estudo sobre o sentido das palavras e suas variações contextuais, sobretudo definindo o significado como uso, ele está nas regras que usamos para fazermos-nos compreender.

Ele vai dizer que a função da linguagem não se esgota na pura denominação, pelo contrário, ela não é meramente etiquetar os objetos do mundo com seus respectivos nomes e atributos, mas justamente o uso que empregamos aos termos. Nomear é somente uma das infinitas tarefas executáveis pelos usuários de uma língua.

No final, termos chegado à conclusão a respeito da problemática central aqui trabalhada. Saberemos se a restrição de determinados signos ou expressões de

origem discriminatória são de fato uma estratégia que nos aproxima de uma sociedade mais inclusiva.

METODOLOGIA

A pesquisa em mãos refere-se a uma pesquisa bibliográfica, o que significa que para a sua construção serve-se exclusivamente de acervos teóricos. Sendo assim, a metodologia aqui adotada baseia-se nesses princípios:

A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho (Prodanov, 2013, p. 54).

Dentre todas as produções filosófico-linguísticas, as de dois autores em particular servirão como base neste procedimento. Primeiramente, Hans-Georg Gadamer com suas obras *Verdade e Método* e *Verdade e Método II* (2002).

Nela nos são apresentados conceitos de suma importância na elaboração primária deste raciocínio, por eles definiremos a essência da linguagem e suas manifestações próprias, juntamente com o conceito de experiência desenvolvido pelo filósofo tendo como base o que pensavam Hegel e Aristóteles, para que, antes de tudo o mais, possamos compreender aquilo que compõe o ser da linguagem e como este organismo funciona universalmente, além das variações de idiomas e dialetos.

Tendo dessa maneira preparado o solo onde se firmará o desenvolvimento do projeto, entra em cena o segundo filósofo, Wittgenstein que por suas *Investigações Filosóficas* (2009) expõe um estudo sobre o significado das palavras e suas variações contextuais.

Com a estrutura do pensamento já estiver formada, isto é, quando for mostrado claramente o comportamento da linguagem e seus atributos próprios, será feita uma contraposição com a linguagem politicamente correta, considerando seus significados historicamente e contextualmente, para assim, levando em conta todos esses critérios levantados, classifica-la como inválida e incoerente.

O CONTEXTO POLITICAMENTE CORRETO

Com a chegada da *internet* ao uso público, mais especificamente, com o surgimento das redes sociais, algumas pautas de discussão foram ganhando cada vez mais notoriedade. O discurso “politicamente correto”, apesar de não ter nascido no berço dessas tecnologias, se tornou indubitavelmente mais acessível e relevante.

O movimento politicamente correto em si, tal como o identificamos hoje, consolidou-se no final da década de 60, em terreno norte-americano, como uma iniciativa da esquerda política para combater a discriminação às minorias, enraizada na linguagem e comportamento coletivos.

As pautas em foco majoritário são, sem dúvidas, a refrega ao machismo, ao racismo e à homofobia o que, porém, não exclui do segundo plano batalhas menores que colocam em xeque o preconceito direcionado a outros grupos que não mulheres, negros e homossexuais, como deficientes, idosos, etc.

Parte significativa da estratégia empregada pelo movimento está na reconfiguração da linguagem, para que termos que escondem ofensas a esta ou aquela minoria sejam retirados do vocabulário comum. Sobre isso, o professor Sirio Possenti escreve:

As formas lingüísticas estão entre os elementos de combate que mais se destacam, na medida em que o movimento acredita (com muita justiça, em princípio) que reproduzem uma ideologia que segrega em termos de classe, sexo, raça e outras características físicas e sociais que são objeto de discriminação (Possenti, 2006, p. 53)

Surge, assim, o conceito de linguagem politicamente correta. Uma linguagem que não transporta em seus significados as marcas dessas discriminações. Palavras como “mulato”, “denegrir” ou “judiar”, apontam em sua origem histórico-semântica noções preconceituosas que, por isso, dentro da ideologia politicamente correta, deveriam entrar em desuso.

O signo linguístico “Mulato”, etimologicamente, possui ligação com “mulo” definido como “Animal mamífero (...), estéril e híbrido, resultante do cruzamento de jumento com égua ou de cavalo com jumenta” (Mulo, 2023), ao mesmo tempo que se refere àqueles que apresentam traços de mistura étnica entre negro e branco. “Denegrir” que sugere o sentido de manchar a reputação de alguém, desacreditar ou difamar, e também quer dizer tornar negro, escurecer (Denegrir, 2023). “Judiar” sai da questão racial para estabelecer sua ofensiva aos judeus, combinando “judeu” com o sufixo “ar” e significa maltratar, causar sofrimento físico ou emocional (Judiar, 2023).

Os resultados desse ideal já começam a aparecer por toda parte. O livro *e o vento levou*, foi acusado de racismo e ganha uma nova versão para “não constranger ou dar ‘trabalho emocional’ para alguém de ‘origem minoritária’.” (Revista Oeste, 2023).

Na obra, acompanhamos uma história de amor protagonizada pela por Scarlett O’Hara, uma jovem, filha de um latifundiário, que se vê em meio a guerra civil norte-americana de 1861 a 1865 tendo que lutar pelas terras de sua família. A parte problemática da narrativa começa quando, apesar de se passar exatamente durante o conflito originado pela controversa a respeito da abolição do sistema escravista, abstém-se de qualquer menção à libertação dos escravizados.

Além disso, dentre as personagens, Mammy, a ama de leite de Scarlet, tal como outras figuras negras de menos destaque – sempre como criados – transparecem um contentamento com a posição subordinada que ocupam. Inúmeros críticos apontaram a incompatibilidade do que é ali relatado com a realidade da época, marcada pelo sofrimento, comercialização, abuso e morte do povo negro (UOL, 2023).

O mesmo ocorreu com alguns romances da escritora Agatha Christie, que tiveram partes “potencialmente ofensivas” retiradas pela editora. Em *O misterioso caso de Styles*, uma parte do monólogo dos pensamentos do clássico detetive que protagoniza os suspenses da autora, em que ele, ao analisar um suspeito, diz “um judeu, é claro” foi apagada. Em *Os casos finais de Miss Marple e duas outras histórias*, houve a substituição da palavra “nativo” por “local”, em outro trecho as descrições de um empregado que, originalmente, eram “negro” e “sorridente” foram trocadas por meramente “o que acena”. Os exemplos continuam por outros inúmeros títulos dela (CNN, 2023).

Para além da literatura, O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) tornou pública uma cartilha com expressões racistas a serem evitadas, alegando que é o dever da Justiça Eleitoral “capacitar magistrados, servidores e colaboradores, propiciando ferramentas de adequação da linguagem para que não haja a ofensa a nenhum grupo de pessoas e se amplie a inclusão.” (Tribunal Superior Eleitoral, 2022).

Na língua inglesa; “aves serão rebatizadas (...) para abandonar nomes ligados ao racismo e colonialismo” (Folha de São Paulo, 2023). A AOS (*American Ornithological Society*), o órgão responsável por essas nomeações, divulgou em janeiro de 2023 que fará a troca dos nomes de todas as espécies batizadas em homenagem a alguma figura histórica;

Isso significa que a Audubon's shearwater (*Puffinus lherminieri*), encontrada na costa sudeste dos Estados Unidos, não terá mais um nome em homenagem a John James Audubon, famoso ilustrador de aves e proprietário de escavos que se opunha totalmente à aboição.

O Scott's oriole (*Icterus parisorum*), um pássaro preto e amarelo que habita o sudoeste norte-americano e o México, também receberá um novo nome, que romperá os laços com o general da Guerra Civil dos EUA Winfield Scott, que supervisionou o deslocamento forçado de povos indígenas em 1838 no episódio que ficou conhecido como “Caminho das Lágrimas”. (Folha de São Paulo, 2023)

O professor Sírio Possenti, em uma de suas produções acerca da problemática politicamente correta, apresenta um questionamento também sobre o inglês e a marca da discriminação que alguns termos podem carregar – ou não;

Ainda é razoável que em inglês as mulheres sejam designadas pela palavra "woman" e as pessoas pela palavra "person", ou a presença nelas de segmentos como "man" e "son" exigiria que fossem abandonadas e substituídas por outras, que não contenham segmentos semelhantes e que não produzam certos efeitos de sentido? A história da humanidade pode ser chamada de "history"? Ou essa palavra conotaria que a história é inevitavelmente marcada pelo ponto de vista masculino? (Possenti, 2006)

Diante desse cenário, nós temos, de um lado, àqueles que acreditam na potência civilizadora da linguagem politicamente correta e, de outro, os que suspeitam do processo e entendem que as limitações linguísticas empregadas por tal ideologia apresentam uma ameaça à liberdade e à própria língua.

A base dos argumentos desse primeiro grupo está na ideia de que, isoladamente, os signos linguísticos carregam em si um material ideológico no sentido atribuído por Marx e Engels à dita terminologia; “forma da consciência social de caráter idealístico e limitada por uma perspectiva de classe” (Marx K., Engels F., 1989, p. 301), isto é:

ideologia é um processo de pensamento caracterizado por uma dupla falta: falta de uma consciência científica correta do próprio processo de formação, e falta de um contato real com a vida material. Somente enquanto “consciência” e “contato real” coincidem, ele pode equiparar sob a categoria de “ideologia” a religião, o direito, a filosofia e o poder estatal. Evidentemente, entre estes fenômenos subsiste um nexos preciso: quanto mais o processo mental se distancia do processo da vida material – isto é, do processo da produção da vida material –, tanto mais este conquista universalidade com prejuízo da verdade. (Frosini, 2014)

Ou seja, o material ideológico que na mentalidade politicamente correta é transportado pelas palavras, são reflexos de noções enganosas – nesse caso, discriminatórias – que foram formadas na vida material histórico-socialmente, porém que já não estabelecem um ‘contato real’ com esta realidade.

Um dos grandes teóricos que desenvolvem esse assunto seria Althusser, seguindo a tradição materialista marxista, que consiste, se formos fazer uma sintetização de suas teses fundamentais, em; “(a) o mundo material externo existe (...); (b) o conhecimento objetivo a cerca desse mundo é produzido no desenvolvimento histórico das disciplinas científicas (...); (c) o conhecimento objetivo é independente do objeto”³ (Pêcheux, 1982, p. 49).

A partir disso, ele alega a existência da ideologia como prática, presente no mundo material, e não meramente em um mundo misterioso à parte da objetividade pertencente apenas às ideias;

Uma ideologia sempre existe como um aparato e sua prática ou práticas. Ao localizar a ideologia na prática coloca ênfase na ideologia como ‘vivida’ nas experiências ordinárias no lugar de ideologias em formas sistematizadas. Por “aparato” aqui, Althusser quer dizer o que ele chama de ‘Estado Ideológico de Aparatos’ (EIAs) como a educação, religião ou as leis que ele identifica como partes de um estado complementar a esses aparatos. (Fairclough, 1991)⁴

Uma das práticas desses mencionados ‘aparatos’ é a linguística. A linguagem seria, então, uma das formas da existência material da ideologia. Ele aponta que grande parte dos problemas relacionados à linguística são fruto de não considerar os efeitos ideológicos da língua (Fairclough, 1991).

Outro nome válido de ser mencionado seria o linguista russo Nikolai Iakovlevich Marr, que trata, dentre outros tópicos, da; “Crítica à linguística europeia que propaga a ideologia racista do imperialismo e a subjugação dos povos colonizados.”⁵ (Young, 2022).

Nessa perspectiva, que tudo aquilo que pensamos, falamos ou conceituamos se formam no sujeito por um processo físico. Essas noções, conceitos, pensamentos ou ideias são efeitos do real na mente humana, e este efeito, por sua vez, são reflexos da realidade histórica, cultural, econômica etc., e carregam em si ideologias construídas nesses contextos (Pêcheux, 1938).

É em cima disso que Marr trabalha sua crítica. Ele volta às formas mais antigas de sociedade seguindo os traços arqueológicos de suas manifestações linguísticas. Por

³ (a) the 'external' material world exists (...); (b) objective knowledge of this world is produced in the historical development of the scientific disciplines (...); (c) objective knowledge is independent of the subject.

⁴ an ideology always exists as an apparatus and its practice, or practices' (1971:156). Locating ideology in practices puts the emphasis on ideology as 'lived' in ordinary experience rather than ideologies in systematized forms. By 'apparatus' here, Althusser means orre of what he calls the 'Ideological States Apparatuses' (ISAs) such as education, religion or the law which(following Gramsci) he regards as parts of the state complementary to itsrepressive apparatus

⁵ critique of European linguistics as propagating the racist ideology of imperialism and the subjugation of colonized peoples

conta dessa abordagem que suas produções a respeito foram classificadas como “Paleontologia do discurso”⁶, e por ela;

Ele propôs que a linguagem é uma ferramenta que evolui em relação com o trabalho e, como consequência, também é um elemento fundamental nos problemas de classe. Ao mesmo tempo, ele considera o trabalho como parte de um complexo processo cultural (...). Marr conceitua tal comunicação como condicionada pela economia e pelas relações sociais. (Vogman, 2021)⁷

Outro pilar da argumentação pró linguagem politicamente correta seria o chamado etimologismo “processo para determinar a origem das palavras” (Etimologismo, 2023), que é o que acontece nos termos já exemplificados acima – denegrir, mulato, judiar – em que o sentido já se distanciou de seu significado original, mas ao buscar sua etimologia, vemos os rastros da discriminação.

Já os críticos, pertencentes àquele segundo grupo, baseiam seu posicionamento apontando a linguagem politicamente correta como forma de censura, como conta Fiorin:

Declaravam que se tratava de um ato autoritário de um governo que pretendia até mesmo controlar o que as pessoas dizem; que o poder público tinha coisas mais importantes, como a educação e a saúde, com que se preocupar. (...) Bradavam que se pretendia engessar a língua, impedindo o seu desenvolvimento. (Fiorin, 2008)

Sob essa ótica, a linguagem politicamente correta adquirir um caráter bifronte, é, simultaneamente, uma forma de promover a inclusão e igualdade aos grupos que sofrem discriminação e uma repressão da liberdade do discurso, por reprimir aqueles que pronunciam expressões ou palavras consideradas politicamente incorretas.

Assim, passa a se encontrar em meio a disputas de opiniões e políticas que levantam questionamentos ainda inconclusos sobre a eficiência e consequências dessa nova concepção linguística. A seguir, veremos, pelos olhos da filosofia da linguagem, se a medida de restringir o uso social de certos vocábulos em vista de sua historicidade problemática é propriamente válida.

A ESSÊNCIA DA LINGUAGEM NO HOMEM

O caminho a ser traçado nessa argumentação começa com Hans-Georg Gadamer. Em *Verdade e método – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (2002) ele vai nos guiar pela essência da linguagem no homem, apontando-a não como uma mera ferramenta da razão, mas como a possibilidade do pensamento.

Aprender a falar não significa ser introduzido na arte de designar o mundo que nos é familiar e conhecido pelo uso de um instrumento já dado, mas conquistar a familiaridade e o conhecimento do próprio mundo, assim como ele se nos apresenta. (...) Na verdade já estamos tão habituados e inseridos na linguagem como estamos no mundo. (Gadamer, 2002, p. 177)

Ou seja, a dimensão linguística não é produzida *a posteriori*, ela exige uma pré-cognição da linguagem. É só quando já inserido em uma linguagem que o homem

⁶ *palaeontology of speech*

⁷ *he proposed that language is a tool that evolves in relation to labour and, as a consequence, that it is a fundamental element of the class struggle. At the same time, he considered labour as being part of a complex cultural process (...) Marr conceptualized such communication (...) as conditioned by economic and social relations*

passa a entender como vive e os aspectos que envolvem este ato, ela é “o *medium* universal em que se realiza a própria compreensão” (Gadamer, 1997).

Todo conhecimento, pensamento ou entendimento no geral, já está, necessariamente, organizado dentro de um arranjo linguístico. A linguagem sempre nos antecede, de forma que sua gênese na racionalidade humana é de arriscada descrição.

Gadamer encontra nos escritos Aristotélicos muitas das suas inspirações filosóficas, mesmo que a ciência da interpretação nunca tenha estado entre as preocupações do filósofo grego;

É verdade que Aristóteles não aborda o problema hermenêutico nem sua dimensão histórica, mas trata somente da apreciação correta do papel que a razão deve desempenhar na atuação ética. Mas é precisamente isto que nos interessa aqui, que ali trata-se de razão e de saber, que não estão separados do ser que deveio, mas que são determinados por este e que são determinantes para este ser. (Gadamer, 1997, p. 465)

Aristóteles usa de uma narrativa, que retrata um exército em fuga se reorganizando e voltando à guerra para esclarecer a *Phronesis*; que pode ser traduzida, não sem perder algo de seu real sentido, como ‘prudência’, sendo, por isso, melhor definida como; “sabedoria prática”⁸(Dottori, 2009).

Como chega a deter-se um exército em fuga? Onde começa a deter-se? Não é, com certeza, pelo fato de o primeiro soldado ter parado, ou o segundo ou o terceiro. Não podemos afirmar que o exército se detém quando um determinado número de soldados fugitivos parou de correr, nem tampouco quando o último soldado tiver parado. Não é com ele que o exército começa a deter-se, uma vez que já começou a deter-se bem antes. Ninguém pode saber, ninguém pode controlar por um plano nem pode afirmar que conhece quando começa, como prossegue e como, por fim, se detém o exército (...). E no entanto, não há dúvida que isso ocorreu. (Gadamer, 2002, p.178)

A *Phronesis* é, à vista disso, o conhecimento relativo a conduta, é um saber relativo a experiência ética, sendo necessário ressaltar que experiência aqui não deve ser entendida de forma a se assemelhar com ‘vivências empíricas’, mas algo que; “a partir da fuga dos fenômenos cambiantes, começa-se a perceber algo comum e, assim, aos poucos, pelos reconhecimentos que vão se acumulando e que são chamados de experiências, forma-se a unidade da experiência.” (Kronbauer, Fensterseifer, 2023)

Gadamer fica particularmente interessado por esse conceito, foi por ele, inclusive, que realizou a revolucionária união entre hermenêutica como técnica ou prática e hermenêutica teórica. Isso porque ele interpreta a *Phronesis* não só como uma experiência constituída por conhecimentos práticos, mas também por conhecimentos teóricos, Gadamer acentua que; “Aquele dotado da verdadeira virtude não é completamente desprovido de conhecimento, ao contrário, o conhecimento é a forma conectada com a *práxis* e o desejo, por isso Aristóteles não o denomina episteme, mas *Phronesis*.”⁹ (Tarantino, 2017)

Mais do que isso, a *Phronesis* se manifesta entre o sujeito individual e o mundo contingente, entre o particular e o universal; “As duas coisas se entrelaçam o tempo

⁸ *Practical wisdom.*

⁹ *The one who displays true virtue is not altogether without knowledge, but the knowledge is a form that is tied to praxis and to desire, and so Aristotle calls it not epistēmē, but phronēsis, humane wisdom.*

todo – a vivência dos fatos da vida e certo conhecimento geral do assunto, que oportunizam uma reflexão mais rigorosa e, com isso, podem levar à sabedoria prática, que é quase sinônimo de experiência: *Phronesis*” (Kronbauer, Fensterseifer, 2023)

Sob essas mesmas circunstâncias que se dá a atitude hermenêutica filosófica. Mesmo que a intenção de Aristóteles tenha sido outra, que desconsidera as noções de historicidade e interpretação, Gadamer encontra na base do seu conceito de *Phronesis* um conhecimento geral que é correspondente:

um meio, um modo para se obter verdades, gira em torno do que é necessário ao intérprete quando este tem uma orientação generalista (tradição histórica, preconceitos, lei) e se depara com um caso particular (texto, objeto, fato, processo). (Polesi, 2006)

O que vai tornar tanto a ‘prudência’ aristotélica quanto a atividade interpretativa realidades possíveis será, em Gadamer, a linguagem, já que; “tudo pode ser visto como texto e é na compreensão desses textos que o prudente se manifesta e existe, não haverá hermenêutica nem *Phronesis* sem linguagem.” (Polesi, 2006).

Por esse motivo, na interpretação gadameriana da narrativa proposta por Aristóteles, o exército em fuga faz alusão aos significados e sentidos num estado pré-linguístico caótico, enquanto a detenção deste referencia a concretização da linguagem. A transição de um momento para o outro não é determinável, pois “Para as coisas que devemos aprender antes de poder fazê-las, só aprendemos fazendo.”¹⁰ (Aristóteles, 1934).

Contudo, é só até esse momento que Gadamer vai adotar a perspectiva de Aristóteles para o conceito de experiência, na sua generalidade. Quando o assunto passa para o “estabelecer-se do saber” tais concepções são insuficientes;

precisamente através dessa deficiência, torna-se claro o que é que a metáfora em questão tinha de ilustrar: que a experiência tem lugar como um acontecer de que ninguém é dono, que não está determinada pelo peso próprio de uma ou outra observação, mas que nela tudo se ordena de uma maneira impenetrável. (Gadamer, 1997, p.520)

A crítica que faz ao filósofo grego tem alvo na desconsideração das contradições inerentes ao processo de construção de um conhecimento, este não se dá por plena formação, estando livre de rupturas (Gadamer, 1997, p. 521). O preenchimento desta lacuna vai ser feito por Hegel;

Na realidade a consciência filosófica compreende o que verdadeiramente faz a consciência que experimenta quando avança de um para outro: inverte-se. (...) a experiência é em primeiro lugar sempre experiência de negatividade: não é como havíamos suposto. Face à experiência que se faz em outro objeto, se alteram as duas coisas, nosso saber e seu objeto. Agora sabemos outra coisa e sabemos melhor, e isto quer dizer que o próprio objeto “não se sustenta”. O novo objeto contém a verdade sobre o anterior. (Gadamer, 1997, p. 523-524)

Aqui se revela uma oportunidade indispensável de abrir um parêntese para analisar como assim seria com a linguagem politicamente correta. Bom, em Gadamer os conceitos são formados na experiência, essa gênese é marcada, tanto por causa da

¹⁰ for things that we must learn before we can do them, we learn by doing them.

linguagem que a estrutura quanto pela experiência que a impulsiona, pela dicotomia do universal e do particular;

Aquele que fala - e isto significa aquele que faz uso de significados gerais de palavras - está tão orientado para o particular de uma contemplação pautada na coisa, que tudo o que diz participa da particularidade das circunstâncias que tem diante de si.

Inversamente, isso quer dizer que o conceito geral, a que faz referência o significado da palavra, se enriquece, por sua vez, com a contemplação da coisa que ocorre em cada caso, de maneira que, no final, se produz uma formação nova e mais específica da palavra, mais adequada ao caráter particular da contemplação da coisa. (Gadamer, 1997, p. 622-623)

Dessa maneira, os termos politicamente incorretos seriam originados a partir de uma sedimentação de experiências sociais, que em dada conjuntura foram bombardeados em experiência negativa, havendo essa ruptura de sentido. Tinha-se normalizado palavras como as mencionadas no capítulo anterior – “denegrir”, “judiar”, “mulato” – ao pronuncia-las esperava-se determinado resultado, havia uma expectativa que, depois, veio a ser quebrada.

Essa quebra não significa o aparecimento de uma verdade, isto é, a nova mentalidade a respeito deste ou daquele signo ser politicamente incorreto não se faz verdadeira pelo seu aparecimento recente, pelo contrário, essa experiência negativa da ‘quebra’ ou ‘choque’ seguirá se repetindo sem que seja atingido uma verdade que a impeça.

Se em cada fase do processo da experiência adquire uma nova abertura para novas experiências, isto valerá tanto mais para a ideia de uma experiência consumada. Nela a experiência não chega ao seu fim, nem se alcança uma forma suprema de saber (Hegel), mas nela é onde, na verdade, a experiência está presente por inteiro e no sentido mais autêntico. (Gadamer, 1997, p. 527)

Voltando à demarcação da linguagem em si, Gadamer tendo aceitado a impossibilidade de conceitualização delimitada do surgimento da linguagem e admitido, conseqüentemente, a finitude da razão humana, estando em permanente submissão ao âmbito linguístico e sempre limitada pelas fronteiras do seu ser mesmo, o filósofo se dispõe a distinguir o “seu próprio” da linguagem (Gadamer, 2002).

O primeiro deles, que caracterizou como “o esquecimento essencial de si mesma” (Gadamer, 2002), consiste no fenômeno linguístico de quando falada, quando, para usar a terminologia do próprio autor, viva a linguagem “não têm consciência de sua própria estrutura, gramática, sintaxe etc.” (Gadamer, 2002, p. 178), esta consciência só ocorre em vista de um “gigantesco esforço de abstração” (Gadamer, 2002, p. 179).

Em uma conversa cotidiana, não nos atemos a nenhum desses atributos, muitas vezes, pronunciamos palavras corretamente e com sentido claro sem sabermos como a escreveríamos, se possui acento, tão pouco se suas sílabas se separam desta ou daquela maneira.

Assim, o esquecimento de si próprio da linguagem nos mostra que o seu verdadeiro sentido é o que nela se diz, o que constitui o mundo comum, onde vivemos (...). O verdadeiro sentido da linguagem é aquilo que adentramos quando a ouvimos: o dito. (Gadamer, 2002, p. 179)

A “ausência do eu” (Gadamer, 2002) é o próximo desses pontos descritivos da língua, que significa, basicamente, que o solo da linguagem se dá sempre no coletivo; “quem

fala uma língua que ninguém mais compreende simplesmente não fala. Falar significa falar a alguém.” (Gadamer, 2002, p. 179).

É no diálogo que a língua se efetiva, e a forma que este procede pode ser associada ao conceito de jogo, uma atividade dinâmica que envolve os jogadores.

A fascinação do jogo para a consciência que joga repousa justamente nessa saída extática de si próprio para um nexo dinâmico que desenvolve sua própria dinâmica. (Gadamer, 2002, p. 180)

Por fim, temos a “universalidade da linguagem” (Gadamer, 2002). Aqui o filósofo expõe que a linguagem não é limitada pelos significados daquilo que foi dito, mas se refere principalmente à motivação por trás da fala que não foi verbalizada e que, ainda assim, é compreendida.

Um enunciado só consegue tornar-se compreensível quando no dito compreende-se também o não dito. (...) Uma pergunta da qual não sabemos a motivação não pode ser respondida. Pois é só a história da motivação da pergunta que abre o âmbito a partir do qual pode-se procurar e dar uma resposta. Assim, tanto no perguntar quanto no responder dá-se um diálogo infinito em cujo espaço se dão palavra e resposta. Tudo que é dito encontra-se nesse espaço. (Gadamer, 2002, p. 181)

Para esclarecer esse conceito talvez ainda obscuro, Gadamer (2002) cita o exemplo de uma dessas traduções que visam possibilitar uma conversação oral entre duas pessoas de idiomas diferentes pela intermediação de um intérprete. Se este se limita a meramente traduzir palavra por palavra, reproduzindo o que representam na outra língua os termos ditos por um dos interlocutores não haverá compreensão. O que deve ser feito não é a reprodução fiel e literal das falas, mas o que se quis dizer.

Bom, acredito que, a partir de tudo isso, reunimos algumas informações particularmente relevantes para este artigo. Sabemos agora que a linguagem não é um mero instrumento de denominação, ela é a própria possibilidade de familiarização com o meio que estamos inseridos. Ela ultrapassa a consciência que temos a seu respeito e mais do que isso, quando falada expressa uma total dissociação para com as estruturas gramaticais e ortográficas, assim como para os diferentes estados anteriores da língua.

A resposta que buscamos para a questão da validade da linguagem politicamente correta está tomando forma, entretanto, nos resta explorar mais alguns conceitos, dessa vez focando na determinação semântica dos signos linguísticos, isto é, como se formam seus significados, qual a natureza e os aspectos particulares deste processo.

SIGNIFICADOS COMO CONTEXTUAIS

Nessa parte de nossa pesquisa, estaremos adentrando no pensamento de Wittgenstein, um filósofo de publicações curiosas, podendo ser divididas em duas fases, sendo a segunda uma completa oposição da primeira. A que nos interessa é a mais recente das duas, *Investigações Filosóficas* (2009).

Nela é abordado a questão do significado dos termos linguísticos, como ocorre a mútua compreensão do sentido de uma palavra, de um som ou gesto. Logo no

primeiro parágrafo ele cita Santo Agostinho, como forma de instigar a pergunta “o que é o significado de uma palavra?”

Quando os adultos nomeavam um objeto qualquer voltando-se para ele, eu o percebia e compreendia que o objeto era designado pelos sons que proferiam, uma vez que queria chamar atenção para ele. Deduzia isso, porém, de seus gestos, linguagem natural de todos os povos, linguagem que através da mímica e dos movimentos dos olhos, dos movimentos dos membros e do som da voz anuncia os sentimentos da alma (...). Assim, pouco a pouco eu aprendia a compreender o que designam as palavras que eu sempre de novo ouvia proferir nos seus mesmos lugares, em diferentes sentenças. (Wittgenstein, 2009, p. 15)

Assim, o filósofo inicia suas investigações, aponta que, levando em conta o que foi dito nessa passagem, percebe-se uma determinada essência da linguagem; “as palavras da linguagem denominam objetos – as sentenças são os liames de tais denominações”. Entretanto, em seguida ele pede que imaginemos o seguinte:

Eu envio alguém às compras. Dou-lhe uma folha de papel onde se encontram os signos: “cinco maçãs vermelhas”. Ele leva o papel ao comerciante. Este abre a gaveta sobre a qual está o signo “maçã”. Ele procura a palavra “vermelho” numa tabela e encontra frente a ela uma amostra de cores. Ele diz a sequência dos numerais – suponho que ele a saiba de cor – até a palavra “cinco”, e a cada número tira da gaveta uma maçã que tem a cor da amostra. – Da mesma forma, operamos com palavras. – “Como ele sabe onde e como deve procurar a palavra ‘vermelho’ e o que tem que fazer com a palavra ‘cinco?’” – Ora suponho que ele aja conforme descrevi. As explicações encontram um fim em algum lugar. – Qual o significado da palavra ‘cinco?’ – Aqui não se falou disso mas somente de como a palavra ‘cinco’ é usada. (Wittgenstein, 2009, p.16)

O fato de “cinco” indicar um número e todos os seus atributos como tal, não se revelam relevantes no contexto. Wittgenstein defende que a noção linguística dada por Agostinho é primitiva, e apesar de corresponder a um sistema de comunicação, não abrange toda a linguagem, nem inclui todas as suas funções possíveis na fala.

É como se alguém explicasse: “Jogar consiste em movimentar coisas sobre uma superfície de acordo com certas regras...” – e nós lhe respondêssemos: você parece estar pensando nos jogos de tabuleiro, mas os jogos não são todos como estes. (Wittgenstein, 2009, p. 17)

A comparação da linguagem com os jogos é frequentemente usada, assim como neles usamos de suas peças para executar alguma tarefa que nos leve ao objetivo principal da atividade – seja ele qual for – em uma conversa, utilizamos os signos linguísticos de inúmeras formas em inúmeros contextos, com o objetivo de sermos compreendidos. Dessa forma, os usos dos elementos de uma língua se assemelham aos lances de um jogo, regidos por normas e existentes apenas ativamente.

A expressão “jogo de linguagem” deve salientar aqui que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida. (...) – É interessante comparar a variedade de instrumentos da linguagem e seus modos de aplicação (Wittgenstein, 2009, p. 27)

Ser dotado da capacidade de se comunicar em um idioma é ser dotado de uma técnica. Ao falar preciso não só ter um repertório linguístico como também conhecer corretamente uma série de regras e convenções. É somente na comunicação, na

atividade da fala que os signos ganham significados, “[...] o signo sozinho parece morto. O que lhe dá vida? No uso, ele vive” (Wittgenstein, 2014).

A ideia de que uma palavra representa uma coisa é um erro. Um signo linguístico abrange uma infinidade de significados. Em “Uma Breve História da Filosofia Analítica” vemos a seguinte explicação:

Assumir, por exemplo, que a palavra “jogo” representa a propriedade de ser um jogo é uma simplificação grotesca. [...] Consideremos os diferentes tipos de atividades que chamamos de jogos e os diferentes tipos de usos para a palavra “jogo”. Não há nada comum a todas as coisas que chamamos jogos, nenhuma essência de jogo, nenhuma condição necessária e suficiente para ser um jogo. Vários fios e semelhanças subjazem ao nosso uso da palavra “jogo”, mas não há um fio que é comum a todos. (Schwartz, 2017, p.130)

A esse fenômeno Wittgenstein vai dar o título de “semelhança de família”, assim como em membros de uma mesma família existem traços e aspectos comuns, mas nunca uma mesma característica se repete em todos os participantes desse grupo, também acontece com os significados de um símbolo.

Uma frase corriqueira como “a porta está aberta” pode transmitir mensagens distintas dependendo da situação na qual é dita, sem que para isso mude uma letra se quer. Se a pronuncio durante uma reunião de negócios importante e ruídos externos estão atrapalhando a concentração e, por tanto, o seguimento do encontro, fica claro a todos que quero dizer para que alguém feche a porta. Ou então, supondo que sou professora e no meio da minha aula um grupo de alunos insiste em conversar atrapalhando o desenvolvimento do ensino, então como forma de repreensão digo “a porta está aberta”, ficaria imediatamente claro para os ouvintes que me refiro à possibilidade deles se retirarem do recinto visando não mais atrapalharem a aula. Ou ainda, se vejo que um amigo está prestes a me revelar um segredo, mas antes reparo que a porta está aberta, o comunico em forma de um aviso, para que tenha cautela com seu tom de voz ou que deixe para fazer sua revelação quando exista maior privacidade.

O significado não é a vivencia que se dá ao ouvirmos ou proferirmos a palavra, e o sentido da frase não é o conjunto dessas vivencias (...) a frase se compõe de palavras, e isto é o suficiente.

Toda palavra – diríamos – pode ter caráter diferente em contextos diferentes, mas de fato, sempre tem um caráter-uma fisionomia. (Wittgenstein, 2009, p. 241)

Os usos são tanto quanto as possibilidades de nossa vida ativa, estão entrelaçados com as nossas vivências e assim como elas não são algo fixo. Aquilo que chamamos de signos, palavras ou sentenças adquirem novas formas e conteúdos a medida em que a vida acontece, que a história é escrita.

Se aplicarmos essa teoria na linguagem veremos que há uma grande inconsistência na proposta politicamente correta. Termos caracteristicamente discriminatórios, quando usados pelas próprias minorias e seus simpatizantes, param de ser ofensivos. Ou seja, o contexto do uso que é, de fato, relevante para determinar o seu sentido.

Podemos observar isso em diversas manifestações culturais. Na música *Quebrada queer*, cantada por um grupo de homens LGBTQIA+, “bicha” e “viado” são colocados como forma autêntica de identidade; “E mesmo ameaçado, eu serei cada vez mais

viado/ Quebrando armários, extermínio à normatividade/ Revolução! Bicha preta se amando de verdade”. (Quebrada *queer*, 2018)

Uma palavra por si só não possui significado algum;

(...) a palavra não tem significado algum quando nada lhe corresponde – é importante constatar que a palavra “significado” é usada de um modo que vai contra a linguagem quando ela se designa a coisa que ‘corresponde’ à palavra. Isto significa: confundir o significado com o portador do nome. Se morre o Sr. N. N., costuma-se dizer, morre o portador do nome não o significado do nome. E seria absurdo falar assim, se o nome deixasse de ter significado, não teria sentido dizer “o Sr. N. N. morreu”. (Wittgenstein, 2009, p. 37)

Não é o conjunto de letras que se organizam em “viado”, por exemplo, que é necessariamente uma maneira de discriminação, mas o sentido posto nele pelo uso. O próprio termo “*queer*” pode servir como modelo desse fenômeno. Antes “*queer*” significava e, na verdade, ainda significa se buscarmos em um dicionário; “estranho ou incomum em relação ao que é estabelecido convencionalmente, a normal”¹¹ (*Queer, Dictionary.com, 2023*), entretanto, atualmente é utilizado especificamente como “ter ou se identificar com uma identidade gênero ou sexualidade que não se encaixa com as ideias tradicionais da sociedade sobre gênero e sexualidade”¹² (*Queer, Cambridge Dictionary, 2023*), apesar de ainda poder ser referido na língua inglesa em seu sentido original como em; “a corte tem uma noção *queer* de justiça”¹³, sem que um sentido invada o contexto do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim de nossa investigação. Cabe agora fazer uma breve síntese do que conseguimos reunir através dos estudos abordados. Primeiro, vimos como a abordagem politicamente correta funciona e como ela vem se infiltrado em todas as áreas de produções linguísticas, cortando e modificando fragmentos ditos ofensivos.

Em seguida, passamos pelos atributos da linguagem enquanto tal, apresentados por Gadamer. Ali pudemos compreender a profunda conexão entre linguagem e racionalidade humana, assim como sua forma “viva” – a fala – quanto completamente separada de sua estrutura gramatical e etimologia. No último capítulo, por fim, adentramos mais especificamente no significado dos termos e conseguimos estabelecê-lo como contextual.

A partir de todo esse conhecimento reunido, analisaremos a grande questão a qual desde o princípio visamos responder; seria válida a medida de restringir o uso social de certos vocábulos em vista de sua historicidade problemática?

Bom como visto, a proposta desta restrição está baseada na ideia de que os signos carregam em si conteúdos ideológicos, e aqueles de cunho discriminatório devem ser eliminados para atingirmos uma sociedade mais igualitária.

¹¹ *strange or odd from a conventional viewpoint; unusually different.*

¹² *Having or relating to a gender identity or a sexuality that does not fit society’s traditional ideas about gender or sexuality.*

¹³ *The court has a queer notion of justice.*

Entretanto, as palavras não só não possuem dita estreita ligação com sua etimologia, como também têm o seu sentido alcançado somente contextualmente. Sendo assim, a fundamentação base da linguagem politicamente correta não se sustenta.

Mais do que isto, abolir determinados termos de outra maneira que não o próprio desenvolver orgânico da linguagem, é limitar a possibilidade de conhecimento do mundo, limitar o pensamento. O que seria, se levado a um cenário mais extremo, uma estratégia de manipulação perigosa à liberdade da razão individual e coletiva.

No livro 1984 de George Orwell, temos acesso à um panorama fictício em que observamos a personagem principal viver sob o domínio de um Estado totalitário. Uma das formas de manipulação e controle exercidas à população era a construção e implementação de uma linguagem, a denominada “Novafala”, com o objetivo de impedir que ideias não favoráveis ao governo em questão pudessem se quer ser formuladas.

Obviamente, a linguagem politicamente correta muito se difere do que Orwell retrata em sua obra, mas é preciso se ater a natureza censuradora de ambas. Afinal, o conceito de “ofensa”, como acontece com todos os símbolos dentro de uma língua, é demasiado aberto, abrindo espaço para qualquer determinação que convenha.

Por fim, baseando-nos em tudo que foi dito até aqui, é seguro afirmar que a linguagem politicamente correta não só é absolutamente incoerente com a estrutura funcional da linguagem, como também abre portas para manipulações e censuras perigosas para o livre expressar dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES; **Nicomachean Ethics** (trl. Rackham). Cambridge: Harvard University Press, 1934.

BARNES, JONATHAN, ET AL. **Complete Works of Aristotle, Volume 2: The Revised Oxford Translation**, Princeton University Press, 1984

DENEGRIR. In: ESTRAVIZ, dicionário. 2023. Disponível em: ><https://estraviz.org/mulo><. Acesso em: 07/09/2023.

DOROTTI, Riccardo. **The Concept of Phronesis by Aristotle and the Beginning of Hermeneutic Philosophy**. Local: Editora, 2009.

ETIMOLOGISMO. In: DICIO, dicionário. 2023. Disponível em: ><https://www.dicio.com.br/etimologismo/><

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Ideology**. University of Lancaster. 1991.

FIORIN, José Luiz. **A linguagem politicamente correta**. Local: Revista Linguasagem, 2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. **Ativistas negros veem censura e não reparação em veto de 'E o Vento Levou'**. 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/06/ativistas-negros-veem-censura-e-nao-reparacao-em-veto-de-e-o-vento-levou.shtml> Acesso em: 25 out. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha. **Aves serão rebatizadas em inglês para abandonar nomes ligados ao racismo e colonialismo.** 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2023/11/aves-serao-rebatizadas-em-ingles-para-abandonar-nomes-ligados-a-racismo-e-colonialismo.shtml> Acesso em: 12/11/2023.

FROSINI, Fabio. **Ideologia em Marx e Gramsci.** Educação e Filosofia Uberlândia. Uberlândia. 2014

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**, Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, Editora Vozes, 1997.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II.** Petrópolis, Editora Vozes, 1997.
JUDIAR. In: ESTRAVIZ, dicionário. 2023. Disponível em: ><https://estraviz.org/mulo><. Acesso em: 07/09/2023.

KRONBAUER, L. G., & FENSTERSEIFER, P. E.. **Formação e docência como Phronesis:** sendo e aprendendo a ser. Educação Em Revista, 39, e38405. <https://doi.org/10.1590/0102-469838405> 2023.

MARX, K.; ENGELS, F. **Sachregister.** Berlin: Dietz. p. 310. 1989.

MULO. In: ESTRAVIZ, dicionário. 2023. Disponível em: ><https://estraviz.org/mulo><. Acesso em: 07/09/2023.

NEGRU, Teodor. **O debate entre Gadamer e Habermas e a universalidade da hermenêutica.** Redescrições, v. 2, n. 3, 2010.

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Language, Semantics and Ideology.* New York press. 1982

POLESI, Reginaldo. **O papel da Phronesis aristotélica na elaboração do problema hermenêutico em “verdade e método.** Universidade Gama Filho. 2006.

POSSENTI, Sírio; BARONAS, Roberto Leiser. **A linguagem politicamente correta no Brasil:** Uma língua de madeira? Cuiabá. Poliforma. 2006.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico:** Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013.

QUEBRADA QUEER. *Quebrada Queer.* Vibox: 2018. Suporte: 6 min.

REVISTA OESTE. **Acusado de racismo, livro E o Vento Levou vai ganhar nova versão.** 2023. Disponível em: ><https://revistaoeste.com/mundo/acusado-de-racismo-livro-e-o-vento-levou-vai-ganhar-nova-versao/><

REVISTA OESTE. **Aghata Christie, a mais recente vítima de censura.** 28/03/2023. Disponível em: ><https://revistaoeste.com/mundo/agatha-christie-a-mais-recente-vitima-da-censura/><

TARANTINO, Giancarlo. **Being Wise Before Wisdom: The Historical Development of Phronēsis from Homer to Aristotle, and Its Consequences for Hans-Georg Gadamer's Hermeneutic Ethics.** Loyola University Chicago. 2017.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Em encontro, TSE lança a cartilha “Expressões racistas: por que evitá-las?”.** 2022. Disponível em: ><https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Novembro/em-encontro-tse-lanca-cartilha-expressoes-racistas-por-que-evita-las><

VOGMAN, Elena. **Language Follows Labour: Nikolai Marr’s Materialist Palaeontology of Speech.** Berlin Press. Berlin. 2021.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas.** 6. ed. Petrópoles: Vozes, 2009.

YOUNG, Robert J. C.. **Resituating Nikolai Marr.** 2022.